

Construindo outras histórias da África e do negro no Brasil: um relato de experiência



Mariana Just Blanco*
Taís de Medeiros Silva**
Ivaine Maria Tonini***
Victor Hugo Nedel Oliveira****

Resumo:

Este relato de experiência, de abordagem qualitativa, apresenta uma prática pedagógica realizada com os alunos do 7.º ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A intenção foi promover reflexões sobre questões étnico-raciais entre a África e o Brasil através das suas diversidades culturais. Questões históricas foram trazidas para gerar ações de reconstruções identitárias. Estudos de Luz, Adichie e Gohn possibilitaram embasar teoricamente a construção desta proposta. A atividade, desenvolvida no dia 4 de junho de 2018, utilizou várias linguagens: imagens, mapa e charges, que foram facilmente assimiladas pelos alunos, por serem de seu cotidiano. Observou-se que os alunos apresentaram uma maior sensibilidade as questões étnico-raciais, trazendo exemplos de seus cotidianos a partir das reflexões construídas. E certamente essas vão ir além do espaço delimitado pelos muros escolares e salas de aula.

Palavras-chave:

Ensino de Geografia. Questões étnico-raciais. Identidade.

Abstract:

This experience report, with a qualitative approach, presents a pedagogical activity carried out with 7th grade students from Colégio de Aplicação of the Federal University of Rio Grande do Sul. The aim was to promote reflections on ethnic-racial issues between Africa and Brazil through their cultural diversities. Historical questions were brought up to generate actions of identity reconstruction. Studies by Luz, Adichie and Gohn have made it possible to theoretically support the construction of this proposal. The activity, performed on June 4th, 2018, used different languages: images, maps and cartoons, which were easily assimilated by the students, for being part of their daily life. Students presented a greater sensitivity to ethnic-racial issues, bringing examples of their daily life from the constructed reflections. Surely these will go beyond the space delimited by the school walls and classrooms.

Keywords:

Geography teaching. Ethnic and racial issues. Identity.

* > Acadêmica do oitavo semestre do curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS. E-mail: mariana_jblanco@hotmail.com.

** > Acadêmica do oitavo semestre do curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS. E-mail: taism.geo@gmail.com.

*** > Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS e orientadora do Estágio Supervisionado em Geografia II. E-mail: ivaine@terra.com.br.

**** > Mestre em Geografia (UFRGS). Professor de Geografia do Departamento de Humanidades do Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: victornedelcap@gmail.com.

Apresentação

Conhecer o continente africano trata-se de algo que ultrapassa o simples conhecimento de informações geográficas sobre o mesmo. Não basta sabermos onde se localiza no mapa, é importante procurar conhecer sobre os países e povos que dele fazem parte. A África é um grande continente com muitas histórias e culturas extremamente ricas. É imprescindível desfazermos a imagem da África como uma grande e única savana, com desertos e habitantes morrendo de fome. Devemos também mostrar que sua cultura está enraizada em boa parte da cultura brasileira, e que esta foi trazida para o Brasil Colonial com a escravização do negro africano. Estes significados de África de onde vêm?

Os alunos, quando chegam na escola, já têm uma preconceção do que seja África, sendo aquela descrita acima que configura em sua imaginação. Já há algum tempo que os alunos vêm aprendendo em diversos locais. A escola deixou de ser o local único de aprendizagem, entre estes locais, os meios de comunicações lideram em disparada como local de aprender. No entanto, como o acesso a estes meios ocorre em espaço não escolar, o estudante deixa-se levar pelo que está sendo veiculado. Assim, são necessárias ações mais pontuais, como a realizada para tentar construir outras imagens de África.

Neste sentido, pretendeu-se, com essa prática, estabelecer reflexões sobre a imagem estereotipada da África e criar novas percepções sobre o continente, sua população e também trabalhar com o respeito às diferenças para estas tornarem-se uma aprendizagem significativa e alargarem-se para suas práticas sociais. Segundo Gohn (2013), na educação não formal aprendemos no mundo da vida, através dos processos de compartilhamentos de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos, proporcionando o aprendizado e a convivência com o outro e a diversidade, sendo possível socializar o respeito mútuo. Ou seja, de acordo com Gohn (2013), sua intenção é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os sujeitos e suas relações sociais, com objetivos construídos a partir de processos interativos, gerando, assim, um processo educativo.

Trabalho de reconstrução

A proposta elaborada para a apresentação em sala de aula foi a de promover uma conversa sobre a África e o Brasil, destacando a diversidade cultural e étnica, além de questões históricas, para ações de outros posicionamentos identitários, possibilitando a construção de outras histórias da África e do negro no Brasil. Desta forma, tornou-se possível, também, compreender como e por que os africanos foram trazidos ao Brasil e analisar a situação da população negra brasileira.

No primeiro momento, utilizamos a metodologia *Brainstorming* ou “chuva de ideias”, pedindo aos alunos que respondessem à pergunta: *O que vem na cabeça de vocês quando pensam em África?*, para que eles dissessem o que lhes vinha à imaginação. As citações colocadas no quadro foram: negro, berço do ser humano, Pantera Negra, pobreza, escravidão, deserto, gente que precisa de água, falta de comida, racismo, bastante população, preconceito, riquezas e religião.

Com base nestas palavras, foi possível discorrer sobre a imagem que possuímos da África, sendo aquela que nos é normalmente passada pela mídia, uma África com pobreza, escravizada, com falta de água e comida, com uma grande população negra, onde existe preconceito e racismo. Além disso, foi citada a África como o berço da humanidade e possuidora de muitas riquezas, e também fizeram menção ao filme Pantera Negra¹. Quando questionados sobre o que aparece no Google quando se faz pesquisa sobre África relataram: pessoas negras, fome, guerras, preconceito e pobreza.

1 > Black Panther (no Brasil, Pantera Negra) é um filme de super-herói estadunidense baseado no personagem de mesmo nome da Marvel Comics, lançado nos cinemas no dia 29 de janeiro de 2018.

Observamos ainda, através da fala dos alunos, que existe uma tendência a estigmatizar e desqualificar socialmente determinados grupos. Esses estigmas são construções sociais originadas de comportamentos carregados de pré-conceitos de pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior sobre o outro. De acordo com Goffman (1988), um estigma é um atributo que é socialmente designado a certos indivíduos tornando-os diferentes dos outros membros da sociedade. E, dentro deste contexto, temos essa imagem da África baseada em estereótipos, exageros, equívocos e pré-conceitos.

Sobre o tema, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em uma palestra no TED Talks de 2009, fala que o problema com estereótipos não é que eles sejam falsos, mas sim que são incompletos, fazendo com que uma história se torne a única história. A escritora fala sobre a recepção dos seus romances e a surpresa de alguns leitores ao se depararem com a diversidade multicultural e multiétnica na Nigéria e na África em geral. Em seus livros, ela escreve sobre a sua realidade e as diversas realidades presentes na Nigéria, suas tribos, tradições, hábitos e costumes. Pessoas ricas e pobres, boas e más, pessoas solidárias e pessoas que lucram com a guerra.

O exposto acima é apenas um exemplo da diversidade existente no continente africano, que, infelizmente, não é mostrado, reforçando-se os estereótipos e trazendo aspectos tidos como “exóticos”. Desta forma, a diversidade é apagada através deste processo ideológico, criador desta visão de uma África homogênea, possuidora de uma única história. Esta cria situações como a demonstrada durante a prática, quando um aluno disse achar que não tem racismo na África, comentando “eu acho que dentro da África não tem racismo, dentro da África não” (Otávio²). Outro aluno interveio e disse que existe sim racismo: “o lado rico da África faz racismo com o lado pobre, ‘seu pobre, seu morto de fome, sem comida, seu preto mais que eu’. Quem mora na África não gosta, mas quem visita gosta” (José). Evidenciando-se, então, a importância da desconstrução destas imagens pré-concebidas.

Em um segundo momento, mostramos imagens de algumas cidades do continente africano e, sem que eles soubessem que são países na África, questionamos: *Onde vocês acham que fica essa cidade?* A primeira imagem que mostramos foi do Marrocos (Figura 1), e que eles identificaram como sendo a Índia, Nigéria, Argélia, China.

Figura 1 – Rabat, Marrocos/África.



Fonte: Marrocos.com, 2018³.

A próxima imagem, o Quênia (Figura 2), identificada como sendo São Paulo, Noruega, Nova Zelândia.

2 > Todos os nomes aqui citados são fictícios para preservar as identidades dos alunos, e suas falas não foram corrigidas de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa, mas sim transcritas tais como foram ditas.

3 > Disponível em: <http://www.marrocos.com/destinos/visitar-rabat-marrocos/>. Acesso em: maio 2018.

Figura 2 – Nairóbi, Quênia/África.

Fonte: Pure Viagem, 2018⁴.

Por último Angola (Figura 3) que eles identificaram como Brasil.

Figura 3 – Luanda, Angola/África.

Fonte: Portal de Angola, 2018⁵.

4 > Disponível em: http://www.pure-viagem.com.br/noticia/as-10-cidades-menos-amigaveis-do-mundo_a8563/7. Acesso em: maio 2018.

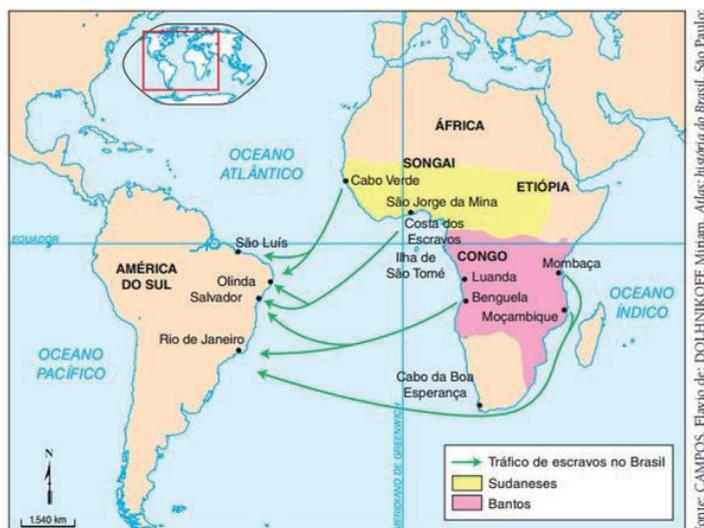
5 > Disponível em: <https://www.portaldeangola.com/wp-content/uploads/2017/08/Luanda-capital.jpg>. Acesso em: maio 2018.

6 > “As relações econômicas entre Brasil e Angola marcam o início das relações afro-brasileiras, quando para o Brasil foram trazidos os primeiros africanos na condição de escravos para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar. O tráfico de escravos foi a base do intercâmbio comercial por cerca de 470 anos. Sem os escravos, o comércio Brasil-África seria praticamente inexistente e, por conseguinte, outra seria a história do Brasil. Angola participou ativamente da formação do povo brasileiro” (JOSE, 2008, p. 177).

O ideário de África já está constituído, folclorizado, idealizado na imaginação das pessoas, e os próprios africanos assumiram esse significado. A imagem da África é vista desta forma não por questões históricas, mas por uma espécie de genética do continente, construída e sedimentada por muito preconceito e ignorância (COUTO, 2009).

Pretendemos, com essa atividade, que os alunos compreendessem que a África é um continente multicultural e que, muitas vezes, conhecemos somente aquilo que é mostrado pela mídia. A partir da apresentação das imagens citadas, comentamos sobre a “migração” forçada de parte da população africana para o Brasil (Figura 4), com o objetivo de refletir brevemente sobre o tráfico de escravos⁶, período da história em que ocorreu esta diáspora de africanos para o país em meados do século XVI até meados do século XIX. Procuramos mostrar quais povos foram trazidos, os locais de onde vieram, para quais estados brasileiros foram levados, as atividades exercidas e conhecimentos que trouxeram consigo para o país. Trouxemos os seguintes questionamentos: Como os negros foram traficados da África para o Brasil? (Resposta: barcos). Por que os negros foram trazidos para o Brasil? (Respostas: para escravizá-los; pela cor; os negros são melhores fisicamente; trabalham melhor). De onde descendiam esses escravos? Neste caso, explicamos que as etnias se dividiam, principalmente, em Bantus e Sudaneses¹¹.

Figura 4 – Mapa-múndi com as rotas do tráfico de escravos para o Brasil.



Fonte: CAMPOS, F. de; DOLHNIKOFF, M. *Atlas: história do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1993⁶.

A partir do que havia sido proposto, partimos para outra etapa da atividade, cujo objetivo foi a reflexão sobre a questão do negro brasileiro na contemporaneidade. Nessa atividade os alunos foram distribuídos em seis (6) grupos, nos quais cada um recebeu placas de Verdadeiro “V” e Falso “F” para que respondessem as seguintes afirmações: *os negros compõem parte da identidade brasileira; não existe racismo no Brasil; a cor da pele não é algo que gere preconceito*. Cada grupo levantou uma das placas após a enunciação das afirmativas e, a seguir, vejamos as respostas dos estudantes:

(a) *Os negros compõem parte da identidade brasileira*. Todos foram unânimes em responder verdadeiro, dando as seguintes declarações: “pela cultura deles” (João); “porque colonizaram o país inteiro” (Renato); “porque muitos acabaram ficando aqui e acabaram criando suas famílias aqui e passaram a cultura de geração em geração, a comida (feijoada), crenças, cultura musical, capoeira, religião, as palavras” (Sônia).

(b) *Não existe racismo no Brasil* e (c) *A cor da pele não é algo que gere preconceito*. Todos disseram ser falso. “Ihhh, mentira professora” (Cibele). Perguntamos como isso é visto no dia a dia. Disseram: “usam apelidos nas pessoas” (Ariel). “A cor da pele geralmente influencia, porque tem gente que acha que por ser de uma cor de pele é melhor que o outro, tipo já chamaram a Maria de negona do cabelo duro só por causa que não gostaram do jeito que ela era” (José). “Pelo motivo que sempre uma pessoa negra passa na rua tem uma pessoa branca que vai ofender ela, pelo motivo da raça e pelo motivo do comportamento. Porque antigamente os negros eram escravizados. Então a pessoa fica dizendo assim: não devia ‘tá’ trabalhando ‘negão’, não é escravizado. Eu e minha mãe estávamos caminhando na rua e passou um cara de moto gritando: ‘seus pretos’, ‘nego feio’” (Mariana). “Porque os negros não conseguem emprego por causa da cor da pele, sim, é algo que tem bastante discriminação” (Fabiano). “No salário” (Emília).

Após este momento, pedimos que, em duplas, escrevessem um texto a partir de duas (2) imagens sobre preconceito e racismo (Figuras 5 e 6), com o intuito de analisar o que haviam apreendido da aula e suas opiniões sobre a temática.

7 > De acordo com Lemos (2014, p. 21 apud PARÉS, 2006), os sudaneses estavam divididos em três subgrupos, iorubas, gegês e fanti-ashantis, tinham origem no que hoje é conhecido como Nigéria, Daomei e Costa do Ouro e seu destino geralmente era a Bahia. Os bantus eram mais numerosos e se dividiam em dois subgrupos, os angola-congoleses e os moçambiques, com sua origem ligada ao que hoje representa Angola, Zaire e Moçambique (correspondentes ao centro-sul do continente africano), e tinham como destino Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo.

8 > Disponível em: <https://professorandohist.wordpress.com/2017/03/01/escravidao-na-africa-e-no-brasil-historias-que-se-completam/>. Acesso em: maio 2018.

Figura 5 – Quadrinho sobre preconceito.



Fonte: Junião – cartunista e ilustrador, 2014⁷.

Figura 6 – Cartum sobre racismo.



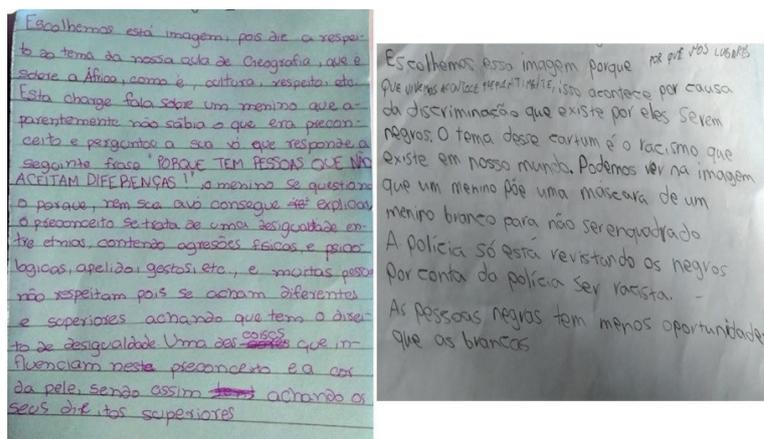
Fonte: Dodô caricaturas, 2010⁸.

Os textos trouxeram afirmações como: “preconceito é feio”; “a existência de desigualdade entre etnias”; “a ocorrência de agressões físicas, psicológicas, apelidos e gestos”; “falta de respeito de algumas pessoas que se acham superiores, possuindo o direito de inferiorizar o outro devido à cor da pele”; “preconceito como um julgamento que fazemos da pessoa antes de conhecê-la”; “um assunto difícil de ser tratado”; “falta de aceitação das diferenças”; “pré-julgamentos”; “traumas que podem causar nas pessoas negras, que se fossem brancas não sofreriam tanto”; “preconceito sofrido também por gays, lésbicas, pessoas com deficiência, de baixa estatura e carecas”; “pessoas negras não têm as mesmas oportunidades”; “a discriminação está relacionada à cor da pele”; “a existência de racismo na polícia”; “de que um dos padrões utilizados pela polícia para abordar suspeitos é a cor da pele”; “a falta de visibilidade das pessoas negras na mídia”; “possuem salários mais baixos em comparação as pessoas brancas”. Abaixo dois (2) destes textos (Figura 7).

9 > Disponível em: <http://www.juniao.com.br/tao-simples-soquenao-preconceito-tira-dona-isaura/>. Acesso em: maio 2018.

10 > Disponível em: <http://dodocaricaturas.blogspot.com/2010/11/cartum-sobre-racismo.html>. Acesso em: maio 2018.

Figura 7 – Textos escritos pelas duplas, o da esquerda referente à Figura 5 e o da direita referente à Figura 6.



Fonte: Imagens capturadas pelos autores.

Podemos constatar com o exposto pelos alunos como o preconceito e o racismo estão presentes no seu cotidiano e a obrigação que nós como educadores temos em conhecer os mecanismos da dominação cultural, econômica, social e política, assim como, perceber o peso das diferenças étnico-culturais sobre essa realidade impiedosa e desumana já vivenciada por estes jovens estudantes.

Conforme apontam Oliveira Júnior e Lima (2013, p. 126), “o racismo [...] é causa da violência contra a população negra e também de outras formas de injustiça”. Ou seja, o racismo, marcado pelo mito da democracia racial, funciona como um eficaz mecanismo de seleção do acesso aos direitos dos negros. Podemos dizer que ele funciona como um mecanismo de restrição da população negra à igualdade de direitos e a mantém em posição de inferioridade a vista que o negro possui acesso diferenciado às oportunidades no mercado de trabalho, na esfera educacional e nas políticas públicas.

Algumas considerações

A partir da proposta elaborada para a apresentação em sala de aula com o objetivo de promover uma conversa sobre a África e o Brasil, foi possível perceber que as ações de inferiorização dos negros estão muito presentes no cotidiano destes alunos, o estigma sofrido pela população negra segue influenciando comportamentos que perduram até os dias atuais, gerando práticas preconceituosas. Essa visão do indivíduo negro construída historicamente tem reforçado o processo de exclusão, criando um sujeito oprimido, inferiorizado por ser negro, que acredita não ter direitos e que todos têm a mesma oportunidade dentro da falsa ideia de democracia racial; do outro, o opressor, que precisa do oprimido para manter seu status quo e legitimar sua superioridade (SILVA; LACERDA, 2017).

Para “quebrar” este *status quo*, a escola tem uma contribuição a dar nesta desconstrução ideológica, pois a partir de novas abordagens trabalhadas torna-se possível repensar a trajetória da população que não está incluída nas representações dominantes da sociedade. A Geografia, como componente curricular, deve estar aberta à dinâmica cultural presente e vivida em seus conteúdos a serem abordados na instituição escolar, através de ideias e de atitudes que favoreçam mudanças de paradigmas. Primeiro, posicionando outras identidades sobre a África para contrapor a já construída e sedimentada pelo preconceito e ignorância. Depois, conforme Freire (2003), criando as possibilidades para a produção e construção do conhecimento no ambiente escolar, através de discussões e

projetos bem elaborados, objetivando o combate ao preconceito racial e o sucesso dessas crianças, negras e brancas, como alunos e cidadãos.

Acreditamos que esse momento pedagógico serviu para refletirmos com os alunos sobre certos estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias que ainda segregacionam um determinado grupo de pessoas, estimulado por uma ideologia que prega a supremacia de um povo, ou mesmo de uma raça sobre outra. As atividades desenvolvidas com os alunos serviram para reconstruir o significado sobre a África e promover a desconstrução de aspectos negativos sobre o povo africano, levando-os a refletir sobre a origem da nossa identidade afro-brasileira, assim como, mostrar que o preconceito ainda incide sobre a população negra no nosso país, e que, muitas coisas ainda precisam ser realizadas para que se rompa com todas as formas de discriminação que ainda persistem em nossa sociedade.

Referências

CHIMAMANDA Adichie: os perigos de uma história única. Legendado. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal ragadougs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>. Acesso em: 20 abr. 2018.

COUTO, Mia. “A África que existe na cabeça das pessoas é folclorizada”, diz Mia Couto. [Entrevista cedida a] Natália da Luz. *GI*, Rio de Janeiro, 26 jun. 2009. Disponível em: <https://glo.bo/2MfBozZ>. Acesso em: 15 maio 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2013.

LEMOES, M. J. *Candomblé: uma divindade cultuada e venerada no Maranhão*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Faculdade do Médio Parnaíba, Teresina, 1994. Disponível em: http://www.famep.com.br/repositorio/2016.2/monografias/historia/candomble_uma_divindade_cultuada_e_venerada.pdf. Acesso em: 20 abr. 2018.

JOSE, Joveta. Angola: independência, conflito e normalização. In: MACEDO, José Rivair (org.). *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 159-179.

OLIVEIRA JÚNIOR, Almir de; LIMA, Verônica Couto de Araújo. Violência letal no Brasil e vitimização da população negra: qual tem sido o papel das políticas e do Estado? In: SILVA, Tatiana Dias; GOES, Fernanda Lira (org.). *Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes*. Brasília: Ipea, 2013. p. 121-134.

PARÉS, L. N. *A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

SILVA, Eduardo Vasconcelos da; LACERDA, Léia Teixeira. Encontros e confrontos: (in)estabilidade do mito da democracia racial à discursividade dos professores, Ilha Solteira, SP. *Diálogos Educacionais em Revista*, Campo Grande, v. 8, n. 1, p. 1-16, ago. 2017.